

“PERSEGUINDO OS VENTOS DO TEMPO”: JOVENS, PASSADOS COMPOSTOS E FUTUROS POSSÍVEIS

‘CHASING THE WINDS OF TIME’: YOUTH, COMPOUND PASTS AND POSSIBLE FUTURES

«POURSUIVRE LES VENTS DU TEMPS»: JEUNES, PASSÉ COMPOSITE ET AVENIR POSSIBLE

“PERSIGUIENDO LOS VIENTOS DEL TIEMPO”: JÓVENES, PASADOS COMPUESTOS Y FUTUROS POSIBLES

Carles Feixa Pàmpol

Universitat Pompeu Fabra, Departament de Comunicació, Barcelona, Espanha

José Machado Pais

Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Portugal

RESUMO: Por ocasião da publicação do mais recente livro em espanhol de José Machado Pais - *Juventud y creatividad*, 2020 -, esta conversa com Carles Feixa revê a carreira pessoal e intelectual deste sociólogo português, uma das referências em estudos da juventude na Europa e América Latina. Depois de evocar a adolescência e a juventude do protagonista em Portugal na década de 1970 - por volta da Revolução dos Cravos Vermelhos de 1974 que encerrou a ditadura salazarista - e revisar suas influências acadêmicas, o texto centra-se nas suas contribuições para o estudo da juventude portuguesa e posteriormente europeia, bem como nas suas conexões com pesquisadores do Brasil e da América Latina. Na parte final do artigo, expõe-se a origem e o conteúdo do último de seus livros, o qual reúne cinco ensaios fundamentais sobre a criatividade dos jovens. Esta busca dos "ventos do tempo" não implica nenhum juízo de valor sobre os jovens em geral ou sobre uma geração em particular, mas uma aposta epistemológica no desvendamento dos rostos ocultos de uma emergência social, projetando-se para o futuro - ou para o não futuro -as complexidades do passado.

Palavras-chave: juventude, juvenologia, criatividade, tempo, futuro.

ABSTRACT: On the occasion of the publication of the latest book in Spanish by José Machado Pais (*Youth and creativity*, 2020), this conversation with Carles Feixa reviews the personal and intellectual career of this Portuguese sociologist, one of the leaders in youth studies in Europe and Latin America. After evoking the teenage and youth of the protagonist in Portugal in the 1970s -around the red carnation revolution of 1974 that ended the Salazarist dictatorship- and reviewing his academic influences, the text focuses on his contributions to the study of Portuguese and later European youth, as well as their connections with researchers from Brazil and Latin America. In the final part of the article he exposes the origin and content of the last of his books, in which he gathers five fundamental essays on youth creativity. This search for «the winds of time» does not imply any value judgment on young people in general or on a generation in particular, but rather an epistemological bet to reveal the hidden faces of a social emergency, projecting towards the future -or towards the no future- the complexities of the past.

Keywords: youth, juvenology, creativity, time, future.

RÉSUMÉ: A l'occasion de la publication du dernier livre de José Machado Pais en espagnol - *Juventud y creatividad*, 2020 -, cette conversation avec Carles Feixa revient sur le parcours personnel et intellectuel de ce sociologue portugais, l'une des références en études de la jeunesse en Europe et en Amérique latine. Après avoir évoqué l'adolescence et la jeunesse du protagoniste au Portugal dans les années 1970 - autour de la révolution des œillets rouges de 1974 qui a mis fin à la dictature de Salazar - et passé en revue ses influences académiques, le texte se concentre sur ses contributions à l'étude de Jeunes portugais et plus tard européens, ainsi que dans leurs relations avec des chercheurs du Brésil et d'Amérique latine. Dans la dernière partie de l'article, sont exposés l'origine et le contenu du dernier de ses livres, qui rassemble cinq essais fondamentaux sur la créativité des jeunes. Cette recherche des «vents du temps» n'implique aucun jugement de valeur sur les jeunes en général ou sur une génération en particulier, mais un pari épistémologique sur le dévoilement des faces cachées d'une urgence sociale, se projetant dans le futur - ou dans le non-futur - les complexités du passé.

Mots-clés: jeunesse, juvenologie, créativité, temps, avenir.

RESUMEN: Con motivo de la publicación del último libro en castellano de José Machado Pais (*Jóvenes y creatividad*, 2020), esta conversación con Carles Feixa repasa la trayectoria personal e intelectual de este sociólogo português, uno de los referentes en los estudios sobre juventud en Europa y América Latina. Tras evocar la adolescencia y juventud del protagonista en Portugal en la década de 1970 -en torno a la revolución de los claveles rojos de 1974 que acabó con la dictadura salazarista-, y repasar sus influencias académicas, el texto se centra en sus aportaciones al estudio de la juventud portuguesa y más tarde europea, así como sus conexiones con investigadores de Brasil y

América Latina. En la parte final del artículo expone el origen y contenido del último de sus libros, en el que reúne cinco ensayos fundamentales sobre la creatividad juvenil. Esta búsqueda de «los vientos del tiempo» no supone ningún juicio de valor sobre los jóvenes en general o sobre una generación en particular, sino una apuesta epistemológica por desvelar las caras ocultas de una emergencia social, proyectando hacia el futuro -o hacia el no futuro- las complejidades del pasado.

Palabras-clave: juventud, juvenología, creatividad, tiempo, futuro.

1. Introdução

A origem desta conversa é a publicação do último livro de José Machado Pais: *Juventude e criatividade. Entre futuros sombrios e tempos de conquista* (Pais, 2020). É a segunda obra traduzida para o espanhol de um dos sociólogos portugueses mais influentes, uma referência em estudos culturais e juvenis na Europa e na América Latina. A primeira obra traduzida para o espanhol foi o livro *Juventude, trabalho precário e o futuro* (Pais, 2007 - com prefácio de Carles Feixa). Esse trabalho era uma monografia sobre as transições e - (in)transições - laborais dos jovens, a partir de estudos de caso biográficos que prediziam os processos de precariedade e mudança nas concepções de trabalho que se anunciavam anunciadas e se tornariam hegemónicas após a crise financeira de 2008. Este novo livro reúne cinco ensaios do autor sobre outra de suas grandes obsessões: a criatividade cultural dos jovens. O objetivo da conversa é resgatar a trajetória deste autor fundamental, em diálogo com Carles Feixa, entre os quais existe uma longa amizade¹. De alguma forma, os dois autores seguiram caminhos paralelos. Embora esse diálogo tenha sido realizado muitas vezes em encontros ao vivo - em Lisboa, Lleida, Barcelona, Madrid, Valência, Brasil, Argentina e outros lugares do mundo -, neste caso, ocorreu no ciberespaço, em parte durante o confinamento por efeito do coronavírus².

2. O fado da Carmencita

Carles Feixa Pàmpol: Olá José! Acho que me lembro que entramos em contato no final dos anos 1990, através de um colega teu do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, o Manuel Villaverde Cabral, que eu havia conhecido em uma reunião em Paris organizada por nossa amiga Lynne Chishom, então presidente da *International Sociological Association Research Committee 34 "Sociology of Youth"*, infelizmente já falecida. Quando me ouviu falar sobre tribos urbanas na Espanha na época da transição, referiu-me um sociólogo português que havia investigado a mesma coisa em Portugal. Escrevi-te e enviaste-me o teu livro *Culturas Juvenis* (1993) - desde então não deixaste de me enviar quase todos os teus novos livros, que religiosamente publicas uma vez por ano e que ocupam uma prateleira inteira da minha biblioteca. Logo me dei conta de uma curiosa coincidência: o teu livro foi publicado no mesmo ano e tratava dos mesmos temas do meu primeiro livro importante - *La joventut com a metàfora* (Feixa, 1993) - e o teu livro *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa* publicou-se cinco anos depois (Pais, 1998) coincidindo com o meu livro *De jovens, bandas e tribos* (Feixa, 1998). Ambos fomos influenciados pela escola de Birmingham, mas não aplicávamos mecanicamente os estudos culturais, fazíamos adaptações ao contexto histórico e cultural de Portugal e da Catalunha. Além disso, ambos começámos a investigar jovens numa situação histórica particular:

¹ **Nota da Direção:** A publicação deste artigo/entrevista representa um marco na diacronia da nossa revista, uma vez que se trata da abordagem da obra e trajeto de um sociólogo português que é referência maior nos estudos da juventude na Europa e na América Latina. Agradecemos, desde já, a Carles Feixa e a José Machado Pais, o privilégio e a honra de partilharem esta publicação neste Volume.

² Este artigo é uma versão ampliada e revista do prefácio do livro *Juventude e criatividade* (Feixa In Pais, 2020). É baseado numa conversa realizada pela Internet nos primeiros meses de 2020. Para além da sua publicação nesta revista, o texto irá ser publicado na revista chilena - *Última Década*.

as pós-ditaduras ibéricas nos anos 1970: Portugal (1974) e Espanha (1975). Para começar, poderias explicar-me as tuas origens familiares e como viveste a tua adolescência e juventude em Portugal da transição democrática?

José Machado Pais: A minha família tem origens rurais. O meu avô de parte paterna era feitor de um visconde, o da parte materna tinha uma venda/mercearia, além de um estabelecimento de produção e venda de ferragens. Ambos cultivavam terras. Eram pequenos proprietários rurais. Meu pai cumpriu o serviço militar em Lisboa e por aí ficou. Um dia voltou às origens e, numa noite de luar, acompanhado de um guitarrista, fez uma serenata à porta de casa de meus avós maternos. As suas cinco filhas acotovelavam-se à janela, sem saberem qual delas era a desejada. Até que o meu pai cantou um conhecido fado - o fado da *Carmencita*, "a cigana mais bonita do que um sonho, uma visão". Namoraram, casaram, a Carmencita veio para Lisboa e onze meses depois nasci. Na minha certidão de nascimento poderia constar que também sou filho do fado. Por acaso ou não, o primeiro livro que publiquei foi sobre a Lisboa boémia de outros tempos, onde a partir de meados do século XIX o fado começou a marcar uma fortíssima presença em tascas frequentadas por prostitutas (Pais, 1985).

Nunca cantei o fado, mas integrei alguns grupos musicais e, como o fado vadio, ganhei o gosto de deambular pelo mundo. Em jovem recorria ao Interrail. Era mais barato. O processo de transição democrática acompanhou a minha transição para a vida adulta. Aos 15 anos comecei a questionar a ditadura salazarista devido a um trauma amoroso. Encontrava-me num banco de jardim de mãos dadas. Simplesmente de mãos dadas. Nisto acercou-se um polícia, com maus modos, praguejando contra com as mãos dadas. Só muitos anos depois vim a descobrir da existência de severas coimas contra supostas mãos perversas que atentavam contra a moral pública. As multas evoluíam numa escala de delitos morais que, justamente, começava em mão na mão e evoluía para a mão naquilo; aquilo na mão; aquilo naquilo; aquilo atrás daquilo e com a língua naquilo, o mais penalizado de todos os atentados ao pudor. Acredita, Carles! Eu estava apenas com a mão na mão. Um simples gesto de afeto. Longe de mim a intenção ou tentação de ali, num banco de jardim, dar início a uma potencial carreira de delinquente moral. Já estudante universitário – licenciiei-me em Economia - fui consolidando uma consciência política de oposição a um regime que mobilizava os seus jovens para uma descabida guerra colonial, à qual escapei por pouco. Foi com natural emoção que vivi a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. Com a instauração da democracia descobri que, como Paulo Freire dizia, a libertação não é uma palavra oca ou mitificante. É uma *praxis* orientadora para a transformação do mundo.

Carles Feixa Pàmols: Como passaste de jovem a juvenólogo? Ou seja, como te tornaste um sociólogo da juventude?

José Machado Pais: Experiências da juventude foram determinantes. Quando tinha uns 17 ou 18 tive uma banda roqueira, os *Song's Boys*. De vez em quando animávamos bailes em coletividades recreativas. Aí tocávamos música mais romântica, propícia a danças de par. Eu não tirava os olhos do salão de dança. O palco era a janela discreta dos meus registos visuais. Sem saber como, o jovem que então era ia criando uma sensibilidade sociológica para a captação do social. Situação semelhante aconteceu com Pierre Bourdieu. Ele tinha origens rurais, nasceu na região dos Pirenéus atlânticos, e enquanto jovem frequentava bailaricos rurais. O seu livro sobre o baile dos celibatários, embora publicado em inícios do presente século (Bourdieu, 2002), retoma um longo artigo surgido em 1962 na revista *Études Rurales*, fruto das suas observações de juventude.

Então, com a minha viola elétrica a tiracolo e o olhar bailando pelos salões de dança, eu observava os rituais de aproximação, as estratégias de sedução, os maneios e acercamentos corporais, as trocas de olhares, enfim, a magia das interações sociais e dos seus simbolismos. Fazia observação participante sem o saber. Ou melhor, observação à distância. Foi esse olhar sobre o mundo de que fazia parte que fez nascer o juvenólogo que hoje sou, levando-me a abraçar o mundo das ciências sociais. Por acaso ou não, um dos primeiros livros que publiquei foi sobre os rituais de galanteria nos meios burgueses do século XIX (Pais, 1986). O interacionismo simbólico foi o quadro teórico de referência, mas observações no salão de dança aguçaram-me a imaginação sociológica. Anos mais tarde, em *Culturas Juvenis*, voltaria a interessar-me pelos namoros dos jovens, sem esquecer os bailes de debute. A experiência de paternidade também foi um estímulo para pensar nos jovens a uma escala mais alargada. Um dia, a minha filha, teria uns 12 anos, acabada de chegar da escola confrontou-me com uma misteriosa folha de papel, bem dobradinha, para cujo enigma em boa hora me arrastou. Preocupada, ela queria o meu conselho. Sabendo que pesquisava jovens deveria ter uma resposta. Desdobrei avidamente a folha de papel com disfarçada tranquilidade. Era uma carta para dar sorte no amor. Para o efeito, teria de dormir nessa noite com a carta debaixo da almofada e escrever no pé esquerdo o nome do rapaz que mais desejava para namorado. E depois teria de escrever seis cartas iguais e dá-las a outras colegas. Caso contrário sofreria seis desgostos. "Pai, o que faço?" - perguntou-me. Disse-lhe para não se preocupar, era uma brincadeira de adolescentes. Não fiquei convencido com a resposta. E ela muito menos. Tempo passado acabei por escrever um livro sobre afetos e sexualidades juvenis (Pais, 2012). Queria saber mais sobre a intimidade dos jovens. Interpretar o mundo é dar-se ao mundo que se nos dá. Assim me fiz sociólogo e juvenólogo.

3. Óculos espelhados

Carles Feixa Pàmpol: Em 1998 organizei o primeiro *Fórum de Estudos sobre a Juventude na Universidade de Lleida*, em colaboração com outro amigo comum, Joan Ramon Saura, então delegado da juventude da Generalitat, e não hesitámos em convidar-te para falar sobre a *Revolução dos Cravos Vermelhos*, que tanta influência teve em Espanha. Lembro-me da esplêndida conferência numa aula magna cheia de estudantes, posteriormente publicada como artigo em vários livros por mim editados (Pais, 2000a; 2002). Lembras-te?

José Machado Pais: Sim, claro! Tiveste um papel fundamental no mapeamento dos movimentos juvenis da Península Ibérica e da América Latina, ao convidares vários colegas para abordar o tema em duas importantes publicações (Feixa, 2002a; 2002b). Respondi ao teu desafio e nesse encontro falei da Revolução dos Cravos Vermelhos e do contributo que muitos jovens portugueses deram para que ela fosse possível. O que ficou para a história foi o papel determinante - e na realidade inegável - dos Capitães de Abril ao avançaram corajosamente para o derrube do regime. Porém, embora nem sempre visível ou valorizado, o contributo dos jovens foi notável. A crise académica que a universidade portuguesa viveu em 1969 foi o primeiro grande enfrentamento dos jovens com o regime.

Um dos momentos de grande tensão política ocorreu num jogo de futebol, em Lisboa. Foi na final da taça de Portugal quando o Benfica defrontou a Académica, equipa da Universidade de Coimbra, formada exclusivamente por estudantes. A Universidade estava de luto pela repressão policial contra os estudantes. Quando as equipas entraram em campo, os jogadores da Académica apareceram com as suas capas pretas em sinal de luto. O estádio estava cheio mas os presidentes

do Governo e da República não aparecerem, nem a televisão oficial transmitiu o jogo. Temia-se uma manifestação dos opositores ao regime. E ela surgiu ao intervalo do jogo com cartazes empunhados reclamando "Melhor ensino, menos polícias", "Universidade livre", "Democratização do ensino", etc. O jogo foi a prolongamento, o Benfica ganhou 2-1, mas muitos adeptos benfiquistas lamentaram que a Académica não tivesse ganho a taça.

A guerra colonial em África também mobilizou muitos jovens para o protesto. Na semana que antecedia o Primeiro de Maio, pela calada da noite, os jovens grafitavam as paredes de Lisboa com inscrições contra o regime: "Nem mais um soldado para África", "Democracia já", "Abaixo o fascismo", "Fim à guerra colonial", "Não somos carne para canhão"... Os Capitães de Abril sabiam que dias antes de cada Primeiro de Maio, a polícia política andava de olho nos estudantes. Então, em 1974, uma semana antes do Primeiro de Maio, decidiram avançar com a revolução. Os jovens grafiteiros, para além de inscreverem nas paredes mensagens de revolta contra o regime, ao distraírem a polícia possibilitaram o sucesso da revolução.

Carles Feixa Pàmols: Em 2000 encontrámo-nos em Lisboa na cúpula europeia onde o *Livro Branco sobre a Juventude* foi apresentado. Deste a palestra de abertura do evento. Como avalias as políticas de juventude a nível europeu e o papel dos investigadores na sua conceção?

José Machado Pais: Recordo-me perfeitamente desse evento, realizado no Parque das Nações, à beira do Tejo. Havia participado em Bruxelas em reuniões preparatórias do *White Book* e convidaram-me para em Lisboa falar sobre o futuro dos jovens europeus. O encontro reunia pesquisadores e decisores políticos e o objetivo era o de promover um diálogo entre uns e outros, tendo precisamente em vista o contributo dos investigadores no desenho das políticas de juventude. Em vésperas do evento passei no lugar onde o mesmo se realizaria para assistir a um concerto dos Oasis. Ao cruzar-me com um grupo de jovens *cyberpunk* dei comigo a pensar no livro de Bruce Sterling, *Mirrorshades*, uma antologia dedicada a Mozart e aos seus óculos espelhados. Metaforicamente pensei que o futuro dos jovens poderia ser olhado com uns óculos semelhantes. Talvez essas lentes permitissem espelhar imagens de sentidos múltiplos e camuflados das culturas juvenis, ou imagens desnorteadas de que também são feitos os futuros de muitos jovens. Há um ponto inquestionável. Os decisores políticos colocam o futuro na equação das suas políticas de ação para tomarem as melhores decisões. Por isso apelam aos investigadores. Mas criam-lhes um enorme problema. Estes não podem colocar o futuro numa bandeja e dizer-lhes: aqui tendes o futuro, bem condimentado, pronto a ser consumido. Seria um equívoco, aliás viciado por uma contradição. Procurar conhecer o futuro é supor que ele é conhecível, ou seja, que já se encontra determinado. Ora o futuro não se encontra determinado, é uma construção. Mais ainda o futuro daqueles de quem se diz que são o futuro. Ou seja, os jovens. Como nos ensinou Paulo Freire, a inexorabilidade do futuro é a negação da História. Daí que o futuro deva ser problematizado em vez de ser demarcado.

No meu último livro (Pais, 2020) o que proponho é precisamente uma problematização do futuro que nos permita imaginá-lo. Dessa forma tornamos o futuro presente. E como podemos imaginar o futuro? Na lógica dos sistemas que se constroem a si mesmos, isto é, reflexivamente. As políticas de juventude a nível europeu não têm sido insensíveis a esta problemática. Por isso têm procurado articulações entre decisores políticos, investigadores e representantes de jovens. As políticas de intervenção podem ser equívocas se não se ancorarem em estudos rigorosos da realidade. Mas,

por outro lado, há que levar em conta as expectativas que os jovens constroem em relação ao futuro e os persistentes obstáculos à sua concretização.



Figura 1: Carles Feixa
Fonte: KISMIF Conference 2018.

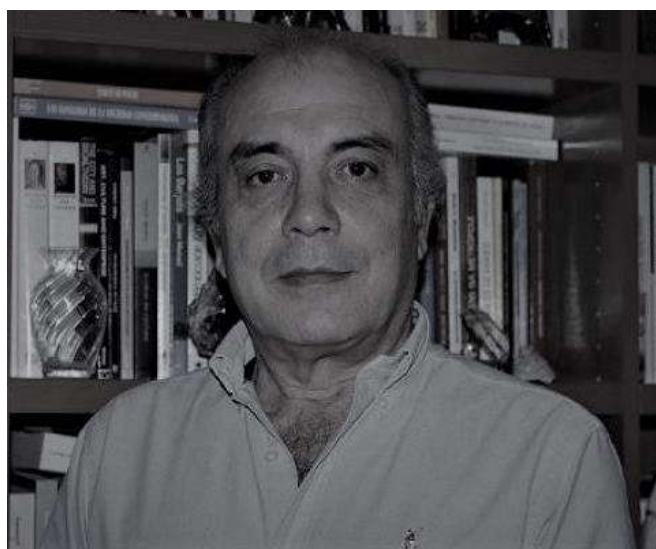


Figura 2: José Machado Pais
Fonte: <http://jornalnordeste.com/entrevista/sem-o-movimento-das-maes-casas-de-alterne-mais-afamadas-de-braganca-poderiam-ter/> Acedido em 07 de junho de 2020

4. Linhas fragmentadas

Carles Feixa Pàmpol: Em 2007 foi publicado o teu primeiro livro em espanhol, *Chollos, chapuzas, changas* (Pais, 2007), uma tradução feliz de *Ganchos, tachos e biscates* (Pais, 2001), e tive a honra de escrever o prólogo. O tema do livro foi o trabalho precário dos jovens e o modelo da “juventude ioiô”, que cito amplamente em meu livro *De la generación@ a la #generación* (Feixa, 2014). Como mudou o cenário de trabalho juvenil após a crise de 2009?

José Machado Pais: Hoje, o trabalho perdeu a relevância que tinha enquanto núcleo central de socialização e estruturação do curso de vida dos jovens. No modelo laboral fordista, o ciclo de vida estava estruturado em torno do trabalho: a preparação para o trabalho, através da escolarização, ocorria na juventude; o exercício de uma atividade profissional era um marcador da vida adulta; o abandono da vida ativa sobrevinha na velhice. O trabalho normalizava as fases de vida, linearmente sequenciadas. Todo este panorama se transformou. Na esteira do antropólogo Tim Ingol (2015) e da sua breve história sobre as linhas, poderíamos dizer que a linha reta, ícone da modernidade, deu lugar a linhas fragmentadas, bifurcadas, rizomáticas. Por isso os jovens, quando se enfrentam com o mundo do trabalho, são artistas da recomposição criativa, do reencantamento do descartável, das conexões rizomáticas, da criatividade fragmentária. Daí que os jovens recorram às estratégias *scratch*, à obliquidade, à alquimia da interconectividade, tópicos que desenvolvo no quarto capítulo deste livro (2020). O próprio conceito tradicional de trabalho é questionável. No seu poema “Menino do mato”, o poeta brasileiro Manoel de Barros referia-se às palavras “bichadas de costume”. O trabalho é uma dessas palavras carunchadas pelo costume. As novas culturas de trabalho ressignificaram o conceito ao fazerem apelo a um novo *ethos* criativo, interiorizado por amplas camadas juvenis.

É certo que no panorama do trabalho juvenil persistem vicissitudes associadas a desigualdades e exclusões sociais. Aliás, o conceito de resiliência intromete-se cada vez mais nas reflexões teóricas sobre os dilemas da sociedade atual, entre os quais o desemprego juvenil. No entanto, aos tradicionais precários por exclusão juntam-se agora os precários por opção. No primeiro caso, a sobrevivência só é possível através de trabalhos eventuais e mal pagos, quando os há. No segundo caso, os percursos profissionais dão lugar à intermitência e a uma precariedade que é eleita como um modo de vida. A mobilidade profissional corresponde a uma escolha biográfica que não é de natureza exclusivamente profissional. Estudos recentes revelam que mais de 60% dos profissionais da geração *Millennial* têm uma taxa de rotatividade significativa no mundo empresarial, tendo experimentado, em média, mais de quatro empregos até aos 30 anos. As empresas começam a adotar estratégias para reter estes jovens. Estão neste caso os chamados *trendsetters*, jovens que, pela sua criatividade, lançam novas tendências no campo da moda, das artes, do design ou do *marketing*, todos eles muito conectados com a cultura digital. O relevante livro que editaste sobre a juventude na era digital (Feixa, 2014), ao acentuar o acesso generalizado dos jovens às tecnologias de informação e comunicação, é uma clara evidência das inquestionáveis mudanças ocorridas na sociedade contemporânea que acabam por se refletir no mundo do trabalho juvenil.

Carles Feixa Pàmols: Em 2009 tive a oportunidade de convidar-te para um fórum de revistas juvenis, em Buenos Aires, no qual participaram outros pesquisadores latino-americanos, como José Antonio Pérez-Islas. Qual tem sido a receção do teu trabalho na América Latina?

José Machado Pais: Tenho bons amigos latino-americanos, o José Antonio Pérez-Islas é um deles. Quanto à repercussão de minha obra na América Latina, ela é bastante mais expressiva no Brasil. É natural que assim seja. Grande parte de minhas publicações são em língua portuguesa. Por outro lado, na minha universidade tenho recebido dezenas de doutorandos e professores visitantes vindos do Brasil. Muito poucos de outros países ibero-americanos. O que posso dizer, com segurança, é que a América Latina tem uma grande repercussão na minha obra. Ainda recentemente publiquei um artigo sobre a *chamarrita*, uma dança das ilhas dos Açores que se disseminou por toda a região do Rio da Prata, na América do Sul (Pais, 2018). Com uma forte implantação no Rio Grande do Sul e no Paraná (Brasil), a *chamarrita* - ou *chimarrita*, como no Brasil é conhecida - estendeu-se ao Uruguai e ao litoral da Argentina fronteiro com o Brasil, abarcando toda a região de Entre Rios e Corrientes. Entre 1864 e 1870, na guerra do Paraguai contra a tríplice aliança, envolvendo o Brasil, o Uruguai e a Argentina, cantavam-se e dançavam-se *chamarritas* entre vencedores e vencidos da guerra (Pais, 2018).

O que mais valorizo nas trocas que tenho colegas da América Latina é a riqueza dos saberes compartilhados, é a experiência da pesquisa como dádiva. Também tenho aprendido muito com artesãos, poetas e repentistas. Gente do povo. Nunca me esquecerei da lição que, um dia, um guia-mirim de Olinda (Brasil) me deu. Ele surpreendeu-me pelos seus profundos conhecimentos históricos, desproporcionais à sua aparente idade. Parecia-me ter uns dez anos. Por curiosidade perguntei-lhe a idade. Respondeu-me: dezasseis anos. Perante o meu espanto acrescentou: "Sabe, senhor? Nós aqui, em Olinda, apenas crescemos em idade", assim justificando as privações por que passava e que se refletiam na sua fisionomia. Com o guia-mirim aprendi que as fases de vida se inscrevem num campo de semânticas sociais e simbólicas. Por isso mesmo há uma variabilidade histórica nas representações sociais das fases de vida. Outro dia, falando dos mistérios da vida, um repentista brasileiro professou: "Eu só comparo esta vida/ às curvas da letra S/ tem uma ponta que

sobe/ tem outra ponta que desce/ As curvas que dá no meio/ Nem todo o mundo as conhece". Agora, sempre que uso o método biográfico, ando sempre em busca das curvas da vida que me ajudam a interpretá-la. Outra vez visitei uma ceramista paraguaia, Rosa Brítez, na sua casa de terra batida, em Itá. Surpreendeu-me a coleção de figurinhas de barro acasaladas, reproduzindo o ato sexual em variadíssimas posições. Perguntei-lhe de onde lhe tinha vindo a ideia. A resposta, sorridente, foi elucidativa: "Es mi experiencia de vida, tengo trece hijos". Com Rosa Brítez, recentemente falecida, aprendi que para decifrar os enigmas da vida temos de abrir o cofre de um tesouro do conhecimento. Nele se guardam as experiências de vida com todos os seus mistérios e significados. Tesouro tanto mais valioso quanto mais rica for a experiência da vida, isto é, quanto mais se prolonga a passagem do tempo em nós e de nós no tempo.

5. Futuros possíveis

Carles Feixa Pàmols: No teu último livro em espanhol (Pais, 2020), passaste do trabalho para a cultura (embora também refiras outras formas de ganhar a vida por jovens criadores). Como abordaste o livro e selecionaste os cinco textos que o compõem?

José Machado Pais: Tenho ido atrás dos ventos do tempo. Hoje em dia os jovens lideram novas formas de participação social orientadas por um modelo de ecologia cultural, onde a própria cultura é tomada como uma oportunidade de profissionalização. A ideia do livro surgiu quando um amigo me lançou o repto numa conferência organizada pelo Centro Reina Sofia de Adolescência e Juventude, em Madrid, a finais de 2017. O tema do congresso centrava-se nas *Respuestas Juveniles a la Crisis*. Numa mesa redonda com Enrique Gil Calvo, lembro-me de ter levantado uma questão para debate que problematizava os futuros possíveis em tempos de crise. Apoiei-me em duas muletas teóricas. A primeira delas era uma ideia que Karl Mannheim havia desenvolvido num livro publicado em plena segunda guerra mundial e traduzido para espanhol com um sugestivo título: *Diagnóstico de Nuestro Tiempo*. Nesse livro, o diagnóstico de Mannheim (1946 [1943]) antecedia um prognóstico, ao sugerir que em tempos de crise os jovens podem desempenhar um papel relevante na revitalização da sociedade. Mas em que condições pode esse protagonismo juvenil ocorrer? A maior parte das análises da crise centra-se em avaliações retrospectivas. Porém, sem que tenhamos que as desconsiderar, penso que temos de valorizar o prospetivo. Ou seja, em vez de se tomar a crise como um efeito de fatores reversíveis, na expectativa de se voltar a uma suposta normalidade, é um desafio aliciante encarar a crise como um contexto de futuros possíveis. E o que se entende por futuros possíveis? Aqui socorri-me de outra muleta teórica, tomada de empréstimo a Gabriel Tarde (2007 [1895]) quando avançou com o conceito de futuros possíveis nos seus ensaios de nomadologia. Associando a dúvida à ideia de possibilidade, Tarde sustentava que os futuros possíveis estão estreitamente dependentes de uma conjunção, o "se". Os "ses" são as cortinas que se abrem a futuros possíveis. Pois bem, neste meu livro, é através dessas cortinas abertas ao futuro que procuro descortinar os trânsitos dos jovens entre futuros sombrios e tempos de conquista. Esta é, aliás, a problemática do meu livro, na qual a criatividade juvenil joga um papel central.

Entre futuros sombrios e tempos de conquista conjugo miradas retrospectivas e prospetivas, diagnósticos e prognósticos. Os textos do livro foram selecionados com esse propósito. Na escolha pesou também a preocupação em contemplar estudos de caso diversificados com recurso a diferentes metodologias: inquéritos por sondagem, entrevistas em profundidade, observação participante, análise de imprensa, registos etnográficos e biográficos. No primeiro capítulo (*La*

esperanza en generaciones de futuro sombrío) exploro contextualizações sociais de uma crise geradora de inquietudes em relação ao futuro, de um futuro que aparece ameaçado pela falta de esperança, quer entre jovens que reclamam o direito à indignação quer entre idosos socialmente desvinculados. Foram cotejadas tensões e cumplicidades geracionais e também expectativas e anseios em relação a um futuro incerto que, no caso dos jovens, culminaram em múltiplas ações de protesto. No segundo capítulo (*En busca de un Oeste: jóvenes inmigrantes*) tive em mira os jovens imigrantes do Leste que no Oeste da Europa procuram refazer a vida e agarrar um futuro imaginado, muito mais plausível do que um presente de becos sem saída. Duas viagens à Roménia permitiram-me acompanhar e registar os dilemas de jovens vivendo experiências descompassadas entre a tradição e a pós-modernidade. Em Lisboa entrevistei alguns jovens imigrantes da Roménia, dando no livro testemunhos de uma das jovens entrevistadas, Mihaela, e de suas dificuldades de adaptação a uma nova realidade, nem sempre amigável. No capítulo terceiro (*Ciudadanía y participación*) problematizo o conceito tradicional de cidadania, circunscrito a direitos e obrigações sociais, estendendo-o a outras formas de exercício da cidadania que reclamam não apenas direitos estabelecidos, mas também pelem pela conquista de novos direitos. Exemplos desta cidadania participada, de expressão artística e criativa, são dados a partir de diversas manifestações da cultura juvenil. No capítulo quarto (*Historietas: la oblicuidad en futuros por inventar*) acompanho jovens criativos que, nas artes como na vida, seguem na pegada da filosofia interseccionista do poeta português Fernando Pessoa, na qual se enraízam as estratégias da obliquidade. Centro-me, sobretudo, em jovens produtores de historietas, pondo em evidência a alquimia da interconectividade que transportam do universo das historietas para a vida real. Finalmente, no quinto e último capítulo (*¿De que será hecho el mañana de los jóvenes de hoy?*) retomo a ideia mestra que esteve na origem do livro, a dos futuros possíveis e contingenciais. Questiono a forma como os jovens reagem a tempos de crise fustigados por uma crise do tempo e como se enfrentam à imprevisibilidade do futuro, produtora de um descompasso entre os espaços da experiência e os horizontes temporais, deitando mão a uma terminologia usada por como Koselleck (1990). Neste capítulo exploro também as conectividades digitais, as estratégias *scratch* e os conhecimentos conetivos, discutindo o seu potencial efeito libertador nos desafios educacionais contemporâneos, especialmente em relação aos jovens socialmente mais desfavorecidos.

Carles Feixa Pàmols: Para finalizar, como tens visto mudar os jovens portugueses e ibéricos desde que começaste a investigá-los há quatro décadas?

José Machado Pais: Na análise dos processos de mudança social há uma estratégia metodológica que me atrai. Ela vai em contracorrente face a percursos tradicionais de investigação apenas focados no previsível. Por isso, como sustentava Collingwood (1946), quando um investigador descobre o que ocorreu sabe já porque ocorreu. Faz lembrar a história do bêbado que tendo perdido as chaves quando à noite regressava a casa teimava em encontrá-las junto a um candeeiro de rua, devido à iluminação projetada. As mudanças mais surpreendentes e porventura mais significativas, dão-se onde menos se espera. Por exemplo, nos ritos sociais. Em várias aldeias do norte de Portugal existe um rito ancestral, a festa dos rapazes, protagonizada por jovens solteiros. Mascarados e com chocalhos à cintura, correm atrás de qualquer mulher que vislumbrem, cercando-a e chocalhando-a, em simulação de atos sexuais. É um rito de iniciação à virilidade, onde a identidade masculina é celebrada de forma festiva, transgressora e orgiástica. Ao anoitecer, dirigem-se ao adro da Igreja e apregoam loas denunciando inquietações sociais ou deslizes morais dos habitantes da aldeia. Nos últimos anos, os rapazes solteiros vivem em sobressalto. As moças

fogem para os braços dos forasteiros. As loas dão conta dessa realidade para eles ameaçadora: *em casa do tio Zé, já me cheira a chouriço, a sua Manuela, vai casar com um suíço; a sua prima Mitó, de elegante aspeto, tem o futuro nas mãos, namora um arquiteto...* Não estamos apenas ante um défice demográfico, estamos sobretudo perante um *superavit* educacional. O lamento dos rapazes é resultado de uma das mais importantes transformações nas escolas das últimas décadas. Qual? O acesso ao ensino médio e superior como rampa de mobilidade e emancipação social, sobretudo para os jovens do sexo feminino.

Na Europa, as mulheres suplantaram os homens no acesso à universidade, reivindicando uma igualdade de direitos. Aliás, recentemente, o rito da festa dos rapazes foi subvertido. Rejeitando o estatuto de perseguidas e dominadas, as moças decidiram mascarar-se assumindo o poder de chocalhar. Como bem sugeriu Simmel (1969), nos seus estudos sobre a cultura feminina, o movimento feminista não recrudescer apenas quando se reivindicam direitos negados no quadro da cultura vigente mas, sobretudo, quando se projetam formas culturais qualitativamente distintas, subjetivamente vividas e questionadas. São estas novas configurações subjetivas que fazem despertar capacidades adormecidas, geradoras de mudança. É o que acontece em processos de subjetivação que, quando orientados por ideários sociocêntricos, podem culminar em mudanças a uma escala social alargada.

Outra mudança significativa, bastante mais visível e debatida, remete para o crescente envolvimento dos jovens nas culturas digitais. Aliás, os usos digitais encontram-se de tal modo difundidos entre os jovens, sobretudo os mais escolarizados, que podemos falar de uma clivagem geracional de natureza digital. Não espanta que as tecnologias digitais sejam usadas pelos jovens como um instrumento de mobilização social e política, ao proporcionarem rápidas possibilidades de conexão. As conectividades digitais fazem com que os jovens de hoje se movam num terreno de heterotopias. Como sugiro em meu livro, entre alguns jovens contemporâneos emerge uma heterotopia de obliquidades cujo traço distintivo é a tomada da conectividade como trampolim para a criatividade. Aliás, para Foucault (1984) a heterotopia tem justamente esse poder de aglutinação de múltiplos espaços. Pensando nos jovens, a heterotopia de obliquidades aparece vinculada a lugares de existência real e imaginada, isto é, a utopias que procuram um solo de aterragem, espécie de enclave de projeção de novos *ethos* sociais, com uma forte marca geracional. Todo o curso histórico evolui de acordo com prevalências de geração ou de género. Creio estarmos num tempo em que ambas as prevalências coincidem.

6. As curvas do tempo

Carles Feixa Pàmols: A nossa última coincidência ocorreu na Universidade de Manizales, Colômbia. Em 2009, recebi um doutoramento *Honoris Causa*. Em 2018, foste tu o agraciado. Também fomos oradores convidados em diferentes edições da Bienal Latino-Americana da Infância e Juventude. Parece que estamos a perseguir-nos, certo?

José Machado Pais: De certo modo temos trajetórias paralelas e cruzadas. Elas subvertem o princípio da matemática que sustenta que duas linhas paralelas não se cruzam. Aliás, na interpretação das trajetórias de vida, o que interessa não é o reto, mas o oblíquo da linha, o seu emaranhado, a teia de relacionamentos sociais que vamos construindo. Na linha de pensamento do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, diria que não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível; o que me atrai é curva livre e sensitiva. Por isso, como Niemeyer (1998), prezo

as curvas do tempo. É nessas curvas que surgem os encontros mais inesperados. As experiências de vida mais marcantes e potencialmente mais reflexivas emergem dos rodopios de vida, das curvas da letra S, a que metaforicamente se referia o repentista brasileiro que referi anteriormente. Nas curvas do tempo, eu tive a felicidade de te encontrar pelo caminho. Os nossos percursos académicos acabaram por se entrelaçar de forma dialógica. Quando no teu livro *La imaginación autobiográfica* (Feixa, 2018) discorres sobre a história de vida como dialógica, o que encontraste em comum nas biografias de dois catalães revolucionários, no período da guerra civil espanhola, foi um fundamento ético de compromisso político. Um fundamento ético semelhante nos une no modo como temos vindo a desenvolver a nossa produção científica e como nela nos damos a quem nos lê. A vida é um gerúndio, muito mais que um participíio; um *faciendum*, muito mais que um *factum*; uma existência profundamente ancorada a experiências de vida que nos enriquecem mutuamente. Os livros que vamos escrevendo e lendo são companheiros dessas nossas andanças compartilhadas.

Carles Feixa Pàmols: Que final poético e profundo! Muito obrigado, querido amigo em gerúndio! Até breve!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bourdieu, Pierre (2002). *Le bal des célibataires. Crise de la société paysanne en Béarn*. Paris: Seuil.
- Collingwood, Robin George (1946). *The idea of history*. London: Oxford University Press.
- Feixa, Carles (2018). *La imaginación autobiográfica. Las historias de vida como herramienta de investigación*. Barcelona: Gedisa.
- Feixa, Carles (2014). *De la generación@ a la #generación*. Barcelona: Ned.
- Feixa, Carles (1993). *La joventut com a metàfora. Sobre les cultures juvenils*. Barcelona: Secretaria General de Joventut.
- Feixa, Carles, Costa, Carmen & Pallarés, Joan (Eds.) (2002a). *Movimientos juveniles en la Península Ibérica. Grafitis, grifotas, okupas*. Barcelona: Ariel.
- Feixa, Carles, Molina, Fidel & Alsinet, Carles (Eds.) (2002b). *Movimientos juveniles en América Latina. Grafitis, grifotas, okupas*. Barcelona: Ariel.
- Foucault, Michel (1984). Des espaces autres. *Conférence au Cercle d'études architecturales*, 14 mars 1967, *Architecture, Mouvement, Continuité*, n° 5, pp 46-49.
- Ingol, Tim (2015). *Líneas. Una breve historia*. Barcelona: Gedisa.
- Koselleck, Reinhart (1990). *Le futur passé. Contribution à la sémantique des temps historiques*. Paris: Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- Mannheim, Karl (1946 [1943]). *Diagnostico de nuestro tiempo*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Mendes de Almeida, Maria Isabel, & Pais, José Machado (2013). *Criatividade & profissionalização. Jovens, subjectividades e horizontes profissionais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Niemeyer, Oscar (1998). *As curvas do tempo. Memórias*. Rio de Janeiro: Ed. Revan.
- Pais, José Machado (1985). *A prostituição e a Lisboa boémia do séc. XIX aos inícios do séc. XX*. Lisboa: Editorial Quercus.
- Pais, José Machado (1986). *Artes de Amar da Burguesia. A Imagem da mulher e os rituais de galanteria nos meios Burgueses do Séc. XIX em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Pais, José Machado (1993). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pais, José Machado (1998). *Gerações e valores na sociedade portuguesa*. Lisboa: Secretaria de Estado da Juventude.
- Pais, José Machado (1999). *Traços e riscos de vida*. Lisboa: Ambar.
- Pais, José Machado (2000a). Després dels clavells rojos. Moviment i estils juvenils a Portugal. In C. Feixa & Joan R. Saura (Eds.). *Joves entre dos móns. Moviments juvenils a Europa i a l'Amèrica Llatina. II Fòrum d'Estudis sobre la Joventut* (pp. 157-178). Barcelona: Secretaria General de Joventut & UdL.
- Pais, José Machado (2000b). Transitions and youth cultures: forms and performances. *International Social Science Journal*, 164, 219-232.
- Pais, José Machado (2000c). Culturas juvenis, ocios y estilos de vida. In Jon A. Younis (Ed.). *Ni diferentes ni indiferentes: los jóvenes en el mundo de hoy* (pp. 112-132). Las Palmas: Gobierno de Canarias.
- Pais, José Machado (2001). *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Ambar.

- Pais, José Machado (2002). Praxes, graffitiis, hip-hop. Movimientos y estilos juveniles en Portugal. In Carles Feixa, Carmen Costa & Joan Pallarés (Eds.). *Movimientos juveniles en la Península Ibérica. Graffitiis, grifotas, okupas* (pp. 13-34). Barcelona: Ariel.
- Pais, José Machado (2006). *Nos rastros da solidão. Deambulações sociológicas*. Lisboa: Ambar.
- Pais, José Machado (2007). *Chollos, chapuzas, changas. Jovens, trabalho precario y futuro*. Barcelona: Anthropos. (Prólogo de C. Feixa).
- Pais, José Machado (2002). *Sociologia da vida quotidiana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pais, José Machado (2010). *Lufa-Lufa quotidiana. Ensaios sobre cidades, cultura e vida urbana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pais, José Machado (2012). *Sexualidade e afectos juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pais, José Machado, & Blass, L.M. (Coord.). (2004). *Tribos urbanas. Produção artística e identidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pais, José Machado (2018). Chamarrita: uma chama da cultura açoriana na América Gaúcha. *Todas as Artes. Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 1(2), 11-29.
- Simmel, George (1969). *Cultura feminina*. Lisboa: Galeria Panorama.
- Tarde, Gabriel (2007 [1895]). *Monadologia e sociologia*. São Paulo: Cosac Naify.

Carles Feixa Pàmols. Doutor em Antropologia Social. Professor Titular de Antropologia Social no Departamento de Comunicação da Universidade Pompeu Fabra. Doutor Honoris Causa da Universidade de Manizales (Colombia). Desenvolve - desde 2017 - uma Advanced Grant do European Research Council. Universitat Pompeu Fabra, Edifici Mercè, Plaça de la Mercè, 10-12, 08002 Barcelona. E-mail: carles.feixa@upf.edu. ORCID: 0000-0002-4874-1604.

José Machado Pais. Doutor em Sociologia. Investigador Coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Professor Catedrático Convidado do ISCTE/Instituto Universitário de Lisboa. Doutor Honoris Causa da Universidade de Manizales (Colombia). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9, 1600-189 Lisboa. E-mail: machado.pais@ics.uisboa.pt. ORCID: 0000-0003-2229-3345.

Receção: 04-04-2020

Aprovação: 12-04-2020

Citação:

Pàmols, Carles Feixa & Pais, José Machado; (2020). "Perseguido os ventos do tempo": Jovens, pasado composto e futuros possíveis. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 3(1), pp. 10-22. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/ta3n1a1